

S. CARLOS

O BARBEIRO DE SEVILHA, em recita de carnaval



Tem sido até agora o mais legitimo successo da epocha, graças ao *travesti* das cantoras que accederam a interpretar a deliciosa partitura de Rossini, e ás piadinhas portuguezas com que a apimentou a verve do sr. empresario Fuschini, que valha a verdade, é tão famoso orador, como esperançoso libretista! Muito seria para augurar que a empreza de S. Carlos, attento o successo do BARBEIRO, e os desastres das operas anteriores, começasse a dar d'aquí por deante tudo em *travesti*, não só as operas como tambem os frequentadores da casa e os assignantes. Isso nos daria talvez a illusão d'uma sociedade nova, d'uma companhia e d'uma empreza novas, que refundiria a propria musica, podendo servir até de ponte levadiça ás coristas, para uma promoção futura a conselheiros.

Quem comeu a corôa?

Os leitores conhecem por certo o caso da corôa. O melhor é dizer, o caso das corôas. Porque eram duas. Uma de flôres, destinada ao pedestal da estatua de Camões. Outra de palha, destinada ao pedestal da estatua de D. José. Votivas ambas. A de flôres symbolizando o preito da nação ás glorias do passado, e offerecida com a mesma obsessão d'angustia como que uma viuva vae, no dia de finados, pôr um *remember* d'amor no mausuleu do esposo. A de palha querendo dizer o escárnio em que degenera o odio, quando opprimido pela estupidez da força bestial. Mercê da prohibição do governo, os patriotas a quem se vedou a estatua do epico, á bayoneta calada, foram dependurar nas grades da Câmara Municipal a corôa de flôres,—d'onde parece que o Sr. Luciano Cordeiro a foi tirar, allegando primeiro o facto da corôa lhe servir, e produzindo logo em seguida o argumento de que o governo não interceptára o cortejo por o achar attentatorio das instituições, senão pela teimosia em que estava, de ser affrontoso para os brios nacionaes prestar homenagem a Camões morto, estando elle Luciano Cordeiro ainda vivo.

Positivamente á hora em que o grande homem se produzia na *Sociedade de Geographia* de corôa na cabeça (sabios pretendem que o illustre mamifero haja a mioleira na maxilla inferior, o que até certo ponto explica a razão dos seus actos cerebraes revestirem quasi sempre a fórma de dentadas) com pasmo do sr. Fernando Pedrosa e d'outros societarios, cerêa de cento e cincoenta individuos iam, nas sombras da noite, precatando-se da guarda, atar na gradaria do cavallo negro, ao Terreiro do Paço, a outra corôa, a corôa de palha, a corôa permitida, o reverso da corôa de flôres enfim, que sobre gavelas de cevada, ostentava, dizem que uma *restea* d'alhos por grinalda — do todo avoejando fachas papeíferas, com legenda explicatoria dos instinctos da offerenda, que seriam metamorphosear em chascos contra a monarchia, as amorosissimas dadas por ella sonegadas, n'uma hora de dôr, aos navegadores, chronicistas e poetas da immortedoura renascença portugueza.

Ora, notificando este caso da palha e mais dos alhos, quasi todos os jornaes séguiram uma directriz cordata e desprendida, descrevendo-o como a beliscadura do humor no despotismo, e como uma resposta de desprezo, meio sardonica, meio justa, ao formidavel apetrecho dos esquadriões reaes nas ruas de Lisboa.

Quasi todos viram n'elle apeñas o legitimo desforço d'uma população irritada ão melindrosissimo plexus das liberdades publicas, feridas, e cuidaram de o explicar como um traço d'espírito, que foi talvez a unica coisa boa d'essa guerra civil de trinta ápitos soando o juizo final a trinta mil pés, entre calçados e descalços.



A benignidade geral fugiu porém o coração dymnastico do sr. Luciano Cordeiro, que soube crysma t injuriosamente a contra-manifestação do dia 11, com todos os vocabulos que um tolo é capaz de desatrelar da aravia soez d'um bilioso, e com tal impeto denuncia á policia os manifestantes, que o publico estarrece, perguntando se a corôa d'alhos, em lugar de apparecer na estatua de D. José, não teria sido antes posta, por um equivoco de bronzes—na estatua d'elle.

Que mesmo n'este ultimo caso, a colera do egrégio maxillar seria inexplicavel. A palha vae excellentemente aos grandes contemporaneos: tanto monta p'ra que Luciano aceite em preito á sua obra, essa modesta graminea que ardida produz fumo, e mastigada produz o que elle sabe.

Em verdade, o zelo monarchico d'este homem erisandece, tão excessivo elle rompe os moldes permitidos, equalando-o esses cães que ao pé das mezas de jantar dos donos, ladram á imagem que os transeuntes da rua põem nos espelhos. Vae, não pôdendo nós crer na espontaneidade do affecto que assim esfuizia, voz em grita (visto comb os sinceros fallam baixo) temos de procurar as determinantes da sua objuratoria contra os alhos, em *fouilles* differentes d'um ingenuo e baboso platonismo pela realeza.

Ha tempos que no bestunto do sr. Cordeiro, as fãrofas de Pourceaugnac se caldeam nas parvoíces do reverendo Patagonia, o todo convergindo a ambiçuculos de pasta ministerial, cujas honorarias o milharoz preliba, trovando sabujices ao rei e aos caporaes do partido que o atura.

Para collocar-se em foco, eil-o prestes a pôr o pé no limiar de todas as presumpções estultas e de todas as evidencias ridiculas, ora negando a efficacia dos emprehendimentos onde o seu largo apendicé queixal não é convidado a ágitarse em discursos, como esse outro que brandia Sansão, na phillistina terrivel; ora descendo em *suelos* de caipira, a empareirar com os policias disfarçados que o governo civil envia á espionagem dos cafés.

Dê-se de barato portanto, que elle faça carreira muito mais depressa como alcoviteiro das guardas, do que como diplomata lesto e argucioso, e alente-se o homem a proseguir no seu papel d'esculca dymnastico, muito embora bufando dos alhos, tal qual um intestino phlyetenado. Para alcançar a pasta ambicionada, os éantinhos mais tortos são quasi sempre os mais curtos: e aos quadrumanos todas as honorarias são possiveis, des'que o anno passado eu vi um no Colyseu, de casaca e claque, a tracejar com giz um mappa d'Africa, enquanto outro marcava as cidades com umas bolas pretas, que discretamente ia saccando d'uma região jacente ás hemorroidas.



Ha porém uma passagem que eu muito gostaria de ver tirada a limpo. Constatou a policia, na manhã seguinte á deposição da offerenda na gradaria do monumento a D. José, que sobre faltar á corôa de palha um bom fagallo, estava o Terreiro do Paço litteralmente coalhado de sequilhos de besta... Mais se apurou do exame dos peritos, que a porção de substancia que na corôa havia de menos, fôra arrañada pela potencia constrictora de duas fiadas de dentes, cravados sem duvida em solidissimas maxillas, e que todos esses escrementos espalhados no solo — por sua constituição chimica, perfume e forma — não podiam ser senão os rezíduos digestivos da refeição exercida sobre a corôa, por alguma cavalgada esfomeada.

Ora, como o sr. Lucião Cordeiro foi o primeiro a dar noticia do que elle chamou um attentado á pessoa inviolavel do rei, não poderia S. Ex.^a informar-nos de quem, sobre haver comido a palha, ainda por cima a deixou trocada em castanhas, no pavimento ?

Porque enfim, Ex.^{mo} geographo, eu nunca me atreveria a confessar que aquella prosa sua fedia a alho, e que os sequilhos do Terreiro do Paço lembravam diabolicamente ás provas do seu artigo.

IRKAN



AGUA E VINHO

EPITOME DO CARNAVAL DE 1890

Nas ruas, nas casas,
Nos bailes, em tudo,
Que raio de entrudo
Tão porcq e damniño!
N'aquelles tres dias
— Dizel-o, oh! que magoa! —
O ceu deu-nos agoa,
A terra... deu vinho!

Ninguem viu gallegos
De renda nas calças,
Zuavos e aslsas,
Pastoras de anagoa!
Só chuva continua,
Só muito borracho,
— Só vinho, por baixo,
Por cima, só agoa!



Nem doenças de Alcides
Saltando contentes,
E — embora indecentes —
Cantando cantigas!
Nem bravos guerreiros
Brandindo as adagas
— Só agoa, em bisnagas,
— Só vinho, em barrigas!



Nem brancos pierrots,
Jocosos, facêtos,
Nem danças de pretos
Cheirando a catingas:
Nos bailes de máscaras,
Nem bailas, nem danças,
— Só vinho nas pañças,
Só agoa em seringas!



Nem velhos — vestidos
Das sobras do lixo —
Com grande rabicho,
Raboña e penacho;
Nem lindas saloias
Cantando — ó vindima.
— Só agoa por cima,
Só vinho por baixo!



Nem pagens formosos,
Gentis, muito loiros,
Nem velhos reis moiros
De mantos de arminho!
Nem mesmo, p'ra amostra,
Qualquer mascarada...
Nem nada! nem nada!
— Só agoa e só vinho!



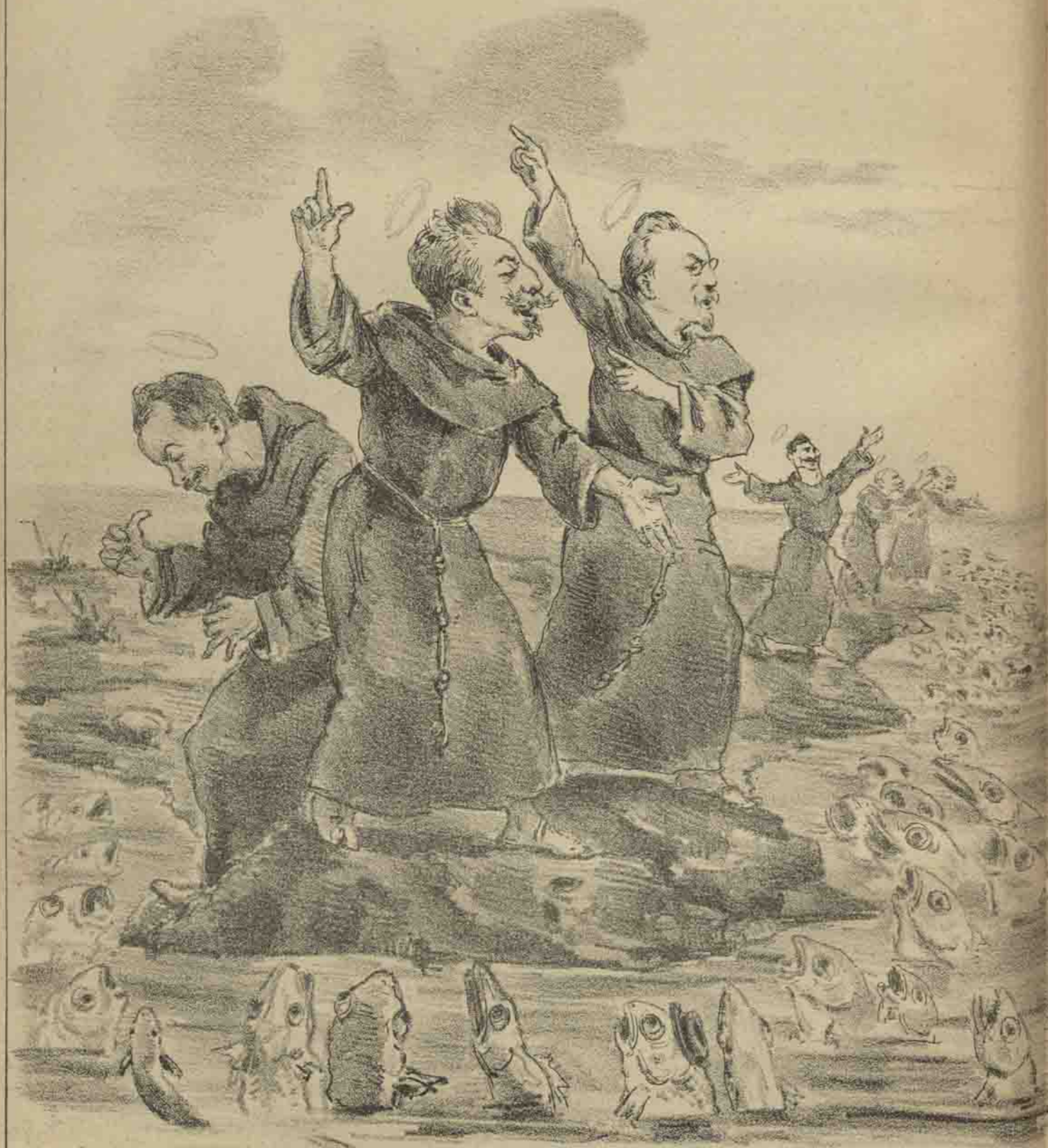
Assim, minha lyra,
Trajando lemiste,
'stá hoje mais triste
Que triste viuva,
Por ver que este entrudo,
Nos deu — estafermo! —
Só vinho — do termo,
Só agoa — da chuva!



Assim, minha lyra, Trajando lemiste, 'stá hoje mais triste Que triste viuva, Por ver que este entrudo, Nos deu — estafermo! — Só vinho — do termo, Só agoa — da chuva!

Postos Masil

O RIO POLITICO



D'aqui préga-se

O peixinho ouve a prégação d'um lado, e yae digerir o carneiro com batatas, do outro



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

D'aqui pága-se

A PORTUGUEZA

A PORTUGUEZA é um hymno de revindicta patriótica, que o maestro Alfredo Keil construiu pujantemente, sobre letra do poeta Lopes de Mendonça, inspirando-se de phrases melodicadas dos nossos mais antigos cantos de guerra e canções populares. Foi doado cavalheirosamente, pelo talentoso musico, a um grupo de patriotas que o edictou, e gratuitamente o vae distribuir a todas as bandas e sociedades philarmônicas e musicas que o reclamarem.

Ha exemplares por todas as livrarias e armazens de musica. Nós temos ainda alguns exemplares para os offerecer a quem os desejar.

Desagradavel encontro



—Quem és, d'onde vens, e para onde vaes?

—Sou o Zé Povinho cagarola, venho do club *Henriques Nogueira*, e vou p'ro partido regenerador, se disparas a pistola!

L'angleterre coloniale, par J. Jonchère

Um desenhista do CHARIVARI, Mr. J. Jonchère, tocado d'uma instinctiva sympathia por Portugal, acaba de nos mandar o desenho supra, que repr duzimos em fac-simile, captivados por este affectuoso concurso d'um talento de Paris, ás nossas pugnas colonias. Mr. J. Jonchère prometteu-nos de quando em quando alguns desenhos de collaboraço ao nosso semanario, e gentilissimo seria que o artista não deixasse em simples formulas, a sua tão desinteressada promessa.



— bon pour l'humanité' au grand profit
de ma caisse

Na horta do Zé Povinho



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

- Ora diz-me cá, meu caro Zé: Como é que tu, tendo tantos d'estes fructos na horta, consentiste que no dia 11 houvesse uma tal falta d'elles em Lisboa?
- Ah, tia Maria, vendi-os todos ao governo, para temperar o carneiro com batatas das eleições.
- Mas guarda-os p'rás occasiões, mostra-os na rua, á policia!
- E se ella m'os palma?...